



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/11/2023 a 16/11/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
10/11/2023	13,33	449,40	51,20	5,75	4,64
13/11/2023	13,68	469,10	51,54	5,79	4,77
14/11/2023	13,68	473,60	52,75	5,72	4,78
15/11/2023	13,85	469,20	53,05	5,60	4,70
16/11/2023	13,60	466,80	51,63	5,53	4,74
Média	13,63	465,62	52,03	5,68	4,73

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	140,00	
RS – Não Me Toque	138,00	
RS – Londrina	128,00	
PR – M.C.Rondon	128,00	
MT – C.N.Parecis	118,00	
MS – Maracaju	126,00	
GO - Rio Verde	117,00	
BA – L.E.Magalhães	127,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	64,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	55,00	
SC – Rio do Sul	56,00	
PR – M.C.Rondon	45,00	
PR – Londrina	45,00	
MT – C.N.Parecis	35,00	
MS – Maracaju	43,00	
SP – Itapetininga	60,00	
SP – Campinas	63,00	CIF
GO – Rio Verde	46,00	
GO – Jataí	46,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	58,00	
RS – Não Me Toque	60,00	
PR – Londrina	71,00	
PR – M.C.Rondon	71,00	

Período: 15/11/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 16/11/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	55,37	139,96	59,28

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
16/11/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	103,52
Feijão (saco 60 Kg)	258,18
Sorgo (saco 60 Kg)	41,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,32
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,93**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,39

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Setembro/23, cf. Cepea/Esalq
ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja voltaram a subir em Chicago! O motivo é um dos piores possíveis, para os brasileiros: a dificuldade de plantio da nova safra, situação que atinge também a Argentina, fato que leva a projeções de uma colheita menor no início de 2024. Tudo isso em função do clima, onde o excesso de chuvas não dá tréguas no sul do Brasil, enquanto o Centro-Norte enfrenta escassez de umidade.

Assim, o bushel da soja, para o primeiro mês cotado, chegou a US\$ 13,85 no dia 15/11, antes de recuar no dia 16, quando fechou a US\$ 13,60, contra US\$ 13,27 uma semana antes. A cotação do dia 15/11 foi a mais elevada desde o dia 14/08 para o primeiro mês cotado. Com os problemas existentes também na Argentina, maior exportador mundial de farelo e óleo de soja, as cotações destes dois subprodutos subiram forte em Chicago igualmente. O farelo disparou para US\$ 473,60/tonelada curta, no dia 14/11, a mais alta desde o dia 16 de março passado, considerando o primeiro mês cotado. Já o óleo subiu para 53,05 centavos de dólar por libra-peso, após ter atingido apenas 49,36 no dia 03/11.

Enquanto isso, a colheita da soja nos EUA, até o dia 12/11, chegava a 95% da área, contra 91% na média histórica.

E aqui no Brasil, mesmo com um câmbio ao redor de R\$ 4,85 em boa parte da semana, as altas em Chicago e a melhoria parcial dos prêmios no Brasil, elevaram os preços da soja obviamente. Mas o motivo, como comentado, não é bom: possível quebra de safra. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 139,96/saco, com as principais praças negociando o produto entre R\$ 138,00 e R\$ 140,00. No restante do país, os preços oscilaram entre R\$ 117,00 e R\$ 128,00/saco.

Ainda há analistas que esperam uma safra nacional de soja superior a 163 milhões de toneladas, porém, muitos outros já avançam um volume final abaixo de 160 milhões.

Por enquanto, até o dia 09/11 o plantio da soja no país chegava a 61% da área esperada, contra 69% no mesmo período do ano anterior. É o ritmo mais baixo de plantio desde 2020/21. Já há corte de 1,1 milhão de toneladas na projeção de produção do Mato Grosso, devido ao atraso na semeadura e a falta de chuvas sobre as áreas plantadas. E novos cortes deverão vir nas semanas futuras se o clima não melhorar. E isso ocorre na maioria dos Estados produtores, sendo que no Sul do país é o excesso de chuvas que traz preocupações. (cf. AgRural)

Especificamente no Mato Grosso, segundo o Imea, o plantio da nova safra atingia a 91,8% da área no dia 10/11, estando ainda atrasado diante da média histórica (95,5%). Já no Mato Grosso do Sul, conforme a Famasul, o plantio da nova safra de soja atingia a 78% da área no final da semana anterior, contra 81,3% da média histórica. Espera-se, ainda, um aumento de 6,5% na área de soja do Mato Grosso do Sul, com a mesma chegando a 4,3 milhões de hectares, com uma possível produção de 13,8 milhões de toneladas (produtividade de 54 sacos/hectare). Porém, esta produção já parece estar comprometida pela seca. Assim, seguindo o comportamento nacional, diante dos problemas climáticos, o preço médio da soja sul-matogrossense subiu para R\$ 128,00/saco na semana encerrada em 13/11.

Em termos gerais, os produtores nacionais de soja esperam que o clima se ajuste e que a soja, com seu tradicional poder de recuperação, consiga reagir diminuindo a quebra até o momento da colheita. Porém, muitos produtores no Centro-Oeste informam que haverá quebra grande na produção da oleaginosa, pois o produto perdeu o arranque e o replantio nunca gera resultado igual. Na região de Sorriso, por exemplo, produtores acreditam em uma quebra, por enquanto, entre 12% e 15% na produção final do maior município produtor da oleaginosa no país. Consideram que, se obtiverem 55 sacos/hectare (contra 64 sacos no ano passado), será um feito histórico.

Por outro lado, reflexo de todo este novo quadro nacional, segundo a Datagro Grãos, até o dia 03/11 a safra de soja de 2022/23 havia sido negociada em 88,1% de seu total, ficando abaixo da média que é de 94,4% para esta data. Já para a safra 2023/24, que está sendo semeada, a comercialização continua lenta, diante das dúvidas quanto ao que será produzido. A mesma chegava a 23,8% da produção esperada, na mesma data, contra a média histórica de 32,2%.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, ensaiaram uma reação durante a semana, porém, sem muito ímpeto. Com isso, o fechamento desta quinta-feira (16) ficou em US\$ 4,74/bushel, contra US\$ 4,68 uma semana antes.

Dito isso, a colheita do milho, nos EUA, no dia 12/11, chegava a 88% da área, contra 86% na média histórica.

Já na Argentina, o Ministério da Agricultura local informou que, até o dia 09/11, o plantio do cereal atingia a 29% da área, enquanto a Bolsa de Cereais de Buenos Aires informou 24,7% de área semeada. A diferença entre as duas instituições está na área total a ser semeada (10,4 contra 7,3 milhões de hectares).

Enquanto isso, na Ucrânia, o milho local se tornou o mais barato do mundo, podendo prejudicar as vendas brasileiras e argentinas do cereal. Desde o fim do corredor comercial construído com a Rússia, no Leste Europeu, a Ucrânia vem tentando acesso ao mercado comprador de grãos por outras vias logísticas e de financiamento, como estruturas portuárias de vizinhos como Romênia e Bulgária. Assim, diante de toda a dificuldade logística, o milho ucraniano precisa ser o mais barato no seu valor FOB para concorrer com as demais origens, especialmente Brasil, Argentina e EUA (cf. Agrinvest).

E aqui no Brasil, com os problemas climáticos atingindo o milho de verão, tanto no sul quando no centro-norte, e o comprometimento da safrinha devido ao atraso no plantio da soja no Centro-Oeste, os preços voltaram a subir. No dia 13/11, por exemplo, a B3 fechou com os primeiros contratos sendo negociados entre R\$ 60,65 e R\$ 72,10, após subirem até 5%. Já no mercado físico gaúcho, o saco de milho fechou a semana na média de R\$ 55,37/saco, valor que há tempos não se via. Nas demais praças nacionais, o produto oscilou entre R\$ 35,00 e R\$ 60,00/saco.

De fato, assim como no caso da soja, a alta dos preços não se dá por um bom motivo. A mesma ocorre pela possibilidade de quebra de safra. E todos sabem que, em havendo quebra importante de safra, não há preço que compense tal quebra.

Por outro lado, assim como para a soja, se houver recuperação da produção, a partir de melhoria do clima em geral, os preços devem recuar no momento da colheita, no início do próximo ano.

Em tal contexto, a Conab anuncia que o plantio da primeira safra nacional de milho 2023/24 subiu para 45,8% da área, ficando atrás dos 53,9% semeados no mesmo período do ano passado. Os Estados mais avançados eram o Paraná (95%), Santa Catarina (89%), Rio Grande do Sul (80%), Minas Gerais (46,9%), São Paulo (45%), Bahia (9%) e Goiás (1%). As lavouras já semeadas se apresentavam, até o final da última semana, com 11,5% em fase de germinação, 77,3% em desenvolvimento vegetativo, 9,6% em floração e 1,6% já em enchimento de grãos.

O plantio da safra de verão contrasta com o que a iniciativa privada anuncia. Segundo analista privado, a área semeada com o milho de verão já teria chegado a 76% no Centro-Sul brasileiro até o dia 09/11. (cf. AgRural)

Por sua vez, segundo o Deral, no Paraná o plantio da safra de verão atingia a 96% da área esperada até o final da semana passada. No Rio Grande do Sul, segundo a Emater, tal plantio atingia a 79% da área no dia 09/11, contra 78% na média histórica.

Quanto à comercialização do milho da safra 2022/23, o Centro-Sul brasileiro alcançou 85,1% da produção, contra 90,7% da média histórica. A previsão da safra de verão passada, nesta região, teria sido de 20,16 milhões de toneladas. Já a safrinha, que teria alcançado 95,8 milhões de toneladas em 2023, estaria comercializada em 65,8% do total, contra a média de 81% (cf. Datagro Grãos).

Em relação ao Mato Grosso, segundo o Imea, os produtores locais de milho já teriam vendido 76,8% da safrinha de milho 2022/23, estando 14,4 pontos percentuais abaixo da média histórica para esta data. Quanto à safrinha 2023/24, as vendas antecipadas chegam a 13,9% do total estimado, contra 38,6% na média histórica.

Ao mesmo tempo, o Brasil embarcou, nos primeiros sete dias úteis de novembro, um total de 2,4 milhões de toneladas de milho, o que representa 40,5% do total exportado em todo o mês de novembro do ano passado. Assim, a média diária, em novembro de 2023, está 16% acima do registrado em igual mês do ano anterior. Já o preço obtido por tonelada caiu 20,6% no período, saindo dos US\$ 284,70 no ano passado para US\$ 226,00 atualmente. (cf. Secex)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram nesta semana. O fechamento da quinta-feira (16) ficou em US\$ 5,53/bushel, contra US\$ 5,80 uma semana antes.

Enquanto isso, o plantio do trigo de inverno, nos EUA, atingia a 93% da área no dia 12/11, ficando dentro da média histórica. Em torno de 81% das lavouras estavam com

trigo germinado. Já as condições das lavouras estadunidenses, deste trigo, se apresentavam com 47% entre boas a excelentes, 36% regulares e 17% entre ruins a muito ruins.

E no Brasil, diante da forte quebra de safra, tanto em volume quanto em qualidade, os preços do trigo de qualidade superior continuaram subindo. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 59,28/saco, enquanto as principais praças locais negociaram o produto, raro no momento, entre R\$ 58,00 e R\$ 60,00/saco. No Paraná, os preços do trigo chegaram a R\$ 71,00/saco.

De fato, a produção de trigo no Brasil tende a ser bem menor do que as estatísticas oficiais e privadas projetavam. Especialmente se considerarmos somente o trigo tipo 1, de qualidade superior.

No Paraná, por exemplo, o Deral informa que, com 80% da área colhida, praticamente toda ela está com trigo de menor qualidade devido ao clima quente no início do plantio e o excesso de chuvas no final da colheita. Além disso, até o momento se contabiliza uma perda de 600.000 toneladas do grão naquele Estado.

Já no Rio Grande do Sul, conforme a Emater, a colheita atingia a 82% da área em 09/11, contra a média histórica de 69%. Na regional de Ijuí, que reúne 44 municípios, a produtividade média ficou em 25 sacos por hectare no encerramento da colheita, quando o esperado era 60 sacos. Ou seja, uma quebra ao redor de 58%. Grande parte do que foi colhido ficou com PH entre 68 e 70.

Considerando que esta realidade regional é semelhante na totalidade do Estado gaúcho, e mais as perdas somente em Santa Catarina e Paraná, o volume total produzido em trigo, nesta última safra, deverá ficar ao redor de 7 milhões de toneladas no país (sem contar, ainda, que a maioria do produto colhido servirá apenas para ração animal). Portanto, um volume bem distante das mais de 10 milhões de toneladas previstas inicialmente.

Em tal contexto, os preços do produto tipo 1 deverão continuar subindo, e muito, sendo que o comportamento futuro deste mercado ainda dependerá do que a Argentina conseguirá colher. Colheita esta que se inicia em dezembro.